

FENÔMENOS LINGUÍSTICOS E FATOS DE LINGUAGEM

ANGELA MARIA GOMES
ORGANIZADORA

FENÔMENOS LINGUÍSTICOS E FATOS DE LINGUAGEM

ANGELA MARIA GOMES
ORGANIZADORA

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F339	Fenômenos linguísticos e fatos de linguagem [recurso eletrônico] / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-760-4 DOI 10.22533/at.ed.604192511 1. Educação. 2. Língua portuguesa. 3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Sendo a Linguística conceituada como a ciência que estuda os fatos da linguagem, entendê-la, assim como seus fenômenos, é crucial, visto que a língua, como ferramenta de comunicação, compreensão e atuação no mundo, abrange dimensões que interessam a todas as atividades humanas, ainda mais no que abrange a área da educação.

Fenômenos Linguísticos e Fatos da Linguagem apresenta reflexões perpassando a heterogeneidade social, no que abrange a variação linguística, que nem sempre é devidamente reconhecida e pode levar ao preconceito e à discriminação. Dentro dessas diversidades linguísticas, as quais representam as variações de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada, aqui são analisadas desde, em pesquisas filológicas, a historiografia da linguística no Brasil, passando pela análise da língua em um único núcleo familiar até setores mais específicos como o ambiente jurídico, onde o operador do Direito tem os argumentos por ele utilizados como principal instrumento de trabalho. Falando em argumento, um recorte de uma pesquisa de mestrado apresenta como objeto de ensino da Língua Inglesa o gênero textual: “comentário argumentativo do Facebook”.

A educação está ligada a mudanças, a reorganizações, a reaprendizagens, a novos olhares. No que se refere especificamente à linguagem não é diferente. Assim, há a necessidade de se ter um novo olhar multidisciplinar também à educação inclusiva. Aqui são apresentados olhares em diferentes perspectivas: aliados a neurociências; à luz da produção linguística em Libras; numa perspectiva racial e social, associando aulas de Língua Portuguesa ao combate ao racismo estrutural imerso na sociedade, que por meio da linguagem, também gera nulidade de seus produtores e de sua construção de identidade; através de concepções de língua(gem) desenvolvidas historicamente que influenciaram a educação de surdos.

Finalmente, não há como discorrer sobre fenômenos linguísticos sem passar pela escrita. Baseando-se nas concepções de escrita que a definem como dom, como consequência e como trabalho, sendo a última proposta tanto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como pelas Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs) de Língua Portuguesa, aqui encontramos uma análise de qual o tipo de proposta de escrita predominante em comandos de coleções de livros didáticos para o Ensino Fundamental.

Para os estudiosos da ciência, este livro traz pesquisas que, além de contribuir significativamente para a construção do conhecimento, nos levam a refletir sobre fenômenos e fatos tão inerentes a aquilo que faz parte do cotidiano de qualquer um: a linguagem.

Angela M. Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“COMENTÁRIO ARGUMENTATIVO DO FACEBOOK” COMO GÊNERO TEXTUAL	
Daniele Conde Peres Resende Eliana Merlin Deganutti de Barros Rodrigo de Souza Poletto	
DOI 10.22533/at.ed.6041925111	
CAPÍTULO 2	11
A POLÍTICA DO ARMAMENTO DA SOCIEDADE CIVIL À LUZ DA ANÁLISE FILOLÓGICA NOS TEXTOS BÍBLICOS	
Renato Faria da Gama Alessandra Rocha Melo Alonso Castro Colares Junior Sandro Reis Rocha Barros Rosalee Santos Crespo Istoe	
DOI 10.22533/at.ed.6041925112	
CAPÍTULO 3	17
ANALISE DE COMANDO DE ESCRITA PRESENTES NOS LIVROS DIDÁTICOS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL – SÉRIES FINAIS	
Cássio Joaquim Gomes Elaine Aparecida dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6041925113	
CAPÍTULO 4	34
AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESCOLAS INCLUSIVAS E BILÍNGUES	
Luiz Antonio Zancanaro Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.6041925114	
CAPÍTULO 5	46
AS DIFERENÇAS E A DIVERSIDADE DA LÍNGUA E SEUS REFLEXOS SOBRE O PRECONCEITO E A INTOLERÂNCIA	
Juliete Maganha Silva Eliana Crispim França Luquetti Shirlena Campos de Souza Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.6041925115	
CAPÍTULO 6	58
AS FONTES DO DE GESTIS MENDI DE SAA E O TRABALHO FILOLÓGICO DE ARMANDO CARDOSO	
Leonardo Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.6041925116	
CAPÍTULO 7	71
CONCEPÇÃO DE LINGUA(GEM) NO DECORRER HISTÓRICO E SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL	
Rogers Rocha Lourival José Martins Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6041925117	

CAPÍTULO 8	81
DO BUROCRATÊS À POPULARIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO: A SOCIOLOGIA DE PODER EXPLICANDO A LINGUAGEM CIDADÃ	
Humberto Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.6041925118	
CAPÍTULO 9	96
EDUCAÇÃO INCLUSIVA SOB A PERSPECTIVA DE UM OLHAR MULTIDISCIPLINAR	
Cássia da França Gomes Baptista	
Cristina de Fátima de Oliveira Brum Augusto de Souza	
Fernanda Castro Manhães	
Sebastião Duarte Dias	
Lucas Capita Quarto	
Fabio Luiz Fully Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.6041925119	
CAPÍTULO 10	105
ESTRATÉGIAS DE ESCRITA POR ALUNOS SURDOS NO CONTEXTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO L3	
Rogers Rocha	
Lourival José Martins Filho	
DOI 10.22533/at.ed.60419251110	
CAPÍTULO 11	119
HETEROGENEIDADE DA ESCRITA NA 5ª SÉRIE: MECANISMOS DE JUNÇÃO E TRADIÇÃO DISCURSIVA EM FOCO	
Elaine Cristina Ferreira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.60419251111	
CAPÍTULO 12	131
LINGUAGEM JURÍDICA	
Adelcio Machado dos Santos	
Evelyn Scapin	
DOI 10.22533/at.ed.60419251112	
CAPÍTULO 13	147
METODOLOGIAS ATIVAS E <i>ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES</i> : UMA EXPERIÊNCIA SOBRE AUTONOMIA E APRENDIZAGEM	
Rafaela Sepulveda Aleixo Lima	
Laís Teixeira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.60419251113	
CAPÍTULO 14	160
MONUMENTO SANTA CRUZ: UMA NARRATIVA DO SILÊNCIO	
Rafael Garcia Madalen Eiras	
DOI 10.22533/at.ed.60419251114	

CAPÍTULO 15	171
PISTAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A INTERAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM CURSOS A DISTÂNCIA	
Débora Cristina Longo Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.60419251115	
CAPÍTULO 16	183
QUANDO OS FENÔMENOS FONOLÓGICOS SE ENCONTRAM - O FALAR FORTALEZENSE	
Giorgya Lima Justy de Freitas	
Patrícia Carla Oliveira Marinho Santana	
DOI 10.22533/at.ed.60419251116	
CAPÍTULO 17	189
UM OLHAR ÉTNICO-RACIAL NAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E DISCURSIVA	
Katuscia Lucas Severino	
DOI 10.22533/at.ed.60419251117	
CAPÍTULO 18	203
A ESTABILIDADE DO USO DAS PREPOSIÇÕES A E EM LIGADAS A CIRCUNSTÂNCIAS LOCATIVAS NO PORTUGUÊS MODERNO E SEU COMPORTAMENTO NO BRASIL	
José Carlos Alves de Azeredo Júnior	
Thiago Soares de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.60419251118	
SOBRE A ORGANIZADORA	217
ÍNDICE REMISSIVO	218

A ESTABILIDADE DO USO DAS PREPOSIÇÕES *A* E *EM* LIGADAS A CIRCUNSTÂNCIAS LOCATIVAS NO PORTUGUÊS MODERNO E SEU COMPORTAMENTO NO BRASIL

José Carlos Alves de Azeredo Júnior

Instituto Federal Fluminense (IFF)

rpr.junior@hotmail.com

Thiago Soares de Oliveira

Instituto Federal Fluminense (IFF)

so.thiago@hotmail.com

RESUMO: Em sua fase moderna, a língua portuguesa escrita passa a contar com normatizações que a tornaram mais regular, uniforme, e, como consequência disso, no idioma resulta um sistema formal mais delimitado, embora se saiba que língua que não é homogênea, mas dinâmica e viva, sendo influenciada tanto por fatores de ordem linguística como por fatores de ordem extralinguística. Por meio da averiguação do emprego das preposições *a* e *em* diante de circunstâncias de lugar, este trabalho visa demonstrar a ocorrência de estabilidade de uso desses conectores, bem como sua relação com o que estabelece a norma atual (gramáticas normativas) para as situações locativas. Os exemplos dessas ocorrências, sempre em domínios formais, são extraídos de documentos históricos oficiais, de lei e de literatura de época, conforme é praxe nos estudos de Linguística Histórica. O artigo também traz, a fim de contextualizar o assunto, informações etimológicas sobre as preposições

1 Artigo resultado de trabalho desenvolvido do âmbito do Instituto Federal Fluminense.

estudadas, tanto de ordem morfológica quanto sintática. Para instrumentalizar essas análises, são utilizados conceitos de linguistas, que explicam as noções de mudança e estabilidade linguísticas, além de postulados de gramáticos, que dão conta de expressar as visões normativas. A escolha de tal tema justifica-se pela parca produção científica que considere a diacronia das preposições *a* e *em* diante de circunstância de lugar nos contextos linguísticos formais.¹

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Histórica. Mudança linguística. Português moderno. Preposição.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A fase moderna da língua portuguesa inicia-se, segundo aponta Nunes (1969), na segunda metade do século XVI, tendo como marca anterior a normatização explícita do idioma por meio da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira, em 1536. A partir de tal obra, a língua portuguesa “moderna” escrita ganha contornos mais regulares, principalmente por conta da padronização. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo central demonstrar tal regularidade e, para tanto, parte da análise do uso das preposições *a* e *em* relacionadas a circunstâncias de lugar,

no âmbito da Linguística Histórica.

A fim de dar conta da proposta, o artigo divide-se em três partes: a) a primeira, com comentários gerais acerca das preposições *a* e *em* e de seus usos estabelecidos pela norma atual; b) a segunda, que aborda aspectos do português moderno, bem como o funcionamento das preposições estudadas no contexto formal do português europeu da época, mas especificamente a partir de trechos da epopeia Camoniana *Os Lusíadas*; e c) a terceira parte, que contém excertos de documentos históricos do Brasil, registrados no livro *Por rumos de uma agulha: documentos do ouro do século XVIII*, com o objetivo de também se realizar um estudo na variante brasileira, contida no português moderno. Para fomentar as análises, foram utilizados conceitos de autores como Cunha e Cintra (2013), Castro (1991), Teyssier (1982), Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Mattos e Silva (2008), entre outros.

Por fim, o olhar que parte das gramáticas modernas (tradicionais, diga-se de passagem) utilizadas pretende propiciar a comparação entre a prescrição normativa e o registro no início da fase moderna da língua portuguesa. Devido a esse propósito, a Linguística Histórica serve de base para as reflexões suscitadas a partir dos exemplos dos textos selecionados, marcando este trabalho como uma investigação científica de natureza histórica, que se delinea metodologicamente apoiada em pesquisas bibliográfica e documental.

2 | O EMPREGO DAS PREPOSIÇÕES *A* E *EM* DIANTE DE CIRCUNSTÂNCIAS DE LUGAR NOS DOMÍNIOS FORMAIS² DA LÍNGUA PORTUGUESA: COMO É ATUALMENTE?

Diversos gramáticos versam sobre o padrão atual de uso das preposições *a* e *em*, diante de circunstâncias de lugar, como o faz Bechara (2009):

O sistema preposicional do português [...] está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço 'dinamicidade' (física ou figurada) e outro em que os traços de noções 'estáticas' e 'dinâmicas' são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo. Ao primeiro campo pertencem: *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*; ao segundo: *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre* (BECHARA, 2009, p. 298-299).

O autor entende a preposição *a* designando apenas dinamicidade e a preposição *em* admitindo ambas as noções. Mais à frente, no que tange à ideia de movimento, o autor restringe o uso de *em* aos seguintes contextos:

Lugar para onde se dirige um movimento, sucessão, em sentido próprio ou figurado: Saltar em terra. Entrar em casa. De grão em grão. Observação: a língua padrão não agasalha este emprego com os verbos *vir*, *chegar*, preferindo a preposição *a*: Ir à cidade; chegar ao colégio (BECHARA, 2009, p. 316).

2 Neste trabalho, a menção ao contexto formal pode ser entendida como uma referência ao padrão normativo.

O autor só atribui à preposição *em* e às demais de seu grupo o uso para noções de *lugar onde*, salvo o caso exposto acima. Bechara ainda prevê o uso de *a* em expressões que denotam aproximação, como no exemplo: “Vejo-a a assomar à porta da alcova...” (BECHARA, 2009, p. 316). Em síntese, no que toca ao emprego diante de circunstância de lugar, Bechara (2009) restringe o conectivo *a* apenas a noções de movimento. Sobre *em*, generaliza seu uso para percepções estáticas, admitindo a preposição na ideia dinâmica apenas no caso de *lugar para onde* se dirige um movimento.

Cunha e Cintra (2013) concordam com Bechara nos empregos de ambas as preposições, contudo divergem na denominação de um deles: o que Bechara (2009) denomina aproximação/contiguidade para o emprego de *a* em casos como o do exemplo acima, Cunha e Cintra (2013) chamam de situação. É importante perceber que, ainda que Cunha e Cintra mudem a percepção de aproximação/contiguidade para situação, eles, em nenhum momento, assim como Bechara (2009), mencionam a noção estática ou *lugar onde*.

Já Rocha Lima (2011) prevê ambas as noções em sua gramática, promovendo uma diferenciação entre elas: quando o autor aborda o caso da aproximação, é como se tratasse de uma posição à qual realmente alguém segue em direção, de fato se aproxima, citando exemplos como “a igreja estava fechada e o sacristão à porta com as chaves na mão / Um curioso em Itália (segundo um autor de crédito conta) estando com sua mulher ao fogo lendo o Ariosto...” (ROCHA LIMA, 2011, p. 437). Quando o autor aborda a questão da situação, não designa uma posição com sentido físico, e sim o papel de alguém ou de alguma coisa em um determinado contexto, o que explica por meio de exemplos como:

“Aquelela cinta azul, que o céu estende [À nossa mão esquerda.../Cavaleiros — disse o conde de Seia depois de escutar um instante e aproximando-se da mesa — assentai-vos. Marechal à cabeceira. Que ninguém ocupe esse lugar junto a vós. É bom para o vilão.” (ROCHA LIMA, 2011, p. 438).

Além dessa ressalva, o autor concorda com os demais em todos os outros aspectos, inclusive, tecendo uma observação análoga, mais aprofundada, à de Bechara (2009), no que diz respeito ao emprego dessas preposições junto aos verbos de movimento:

O *in* que se combina com acusativo (*in urbem ire*) foi igualmente substituído, na maioria dos casos, por *ad*. Tal transformação, que já estava bastante adiantada no período clássico, tem progredido cada vez mais na língua literária moderna, o que atesta ser o português, assim como o espanhol, um dos idiomas românicos mais seguramente etimológicos no emprego das preposições *em* e *a*. Na sintaxe literária de nossos dias não é comum encontrar-se *em* com verbos de movimentos (ir na cidade), a não ser em certas construções como tornar *em* si, cair no laço, saltar *em* terra, etc., e ainda na combinação de... *em*: de casa *em* casa, de porta *em* porta,

Castilho (2007) difere dos autores citados no arranjo dessas preposições quanto às suas disposições sintáticas, contudo, embora não utilize palavras como dinamismo ou lugar estático, mantém as duas ideias ao colocar a preposição *a* na categoria de conectivos que indicam meta e *em*, no eixo que indica conteúdo, e nas locuções prepositivas verticais de valor estático, como *em cima de*. Em seu artigo *Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no português brasileiro: espaço / anterior/ ~ /posterior/*, a classificação se dá da seguinte forma:

Eis aqui uma primeira proposta de arranjo:

A) Preposições do eixo horizontal: /+Origem/: *de, desde* ~ /+Meta/: *até, contra, a, para*. Orientação lateral: *à esquerda de, à direita de*.

B) Preposições do eixo vertical: /+Superior/: *sobre, por cima de, em cima de* ~ /+Inferior/: *sob, embaixo de, por baixo de, debaixo de*.

C) Preposições do eixo transversal: /+Anterior/: *ante, diante de, antes de, em frente de, em face de, defronte de, defronte a, à frente de* ~ /+Posterior/: *atrás (de), por trás de, após, depois (de), em pós de*.

D) Preposições do eixo Continte ~ Conteúdo: /+Dentro/: *em, entre, dentro de, em meio de, em meio a, com* ~ /+Fora/: *fora de, sem*.

E) Preposições do eixo Proximal: *perto de, acerca de, a cabo de, junto de, a par de, em presença de, à beira de*; Distal: *longe de, distante de, na ausência de*.

Figura 1

Fonte: Castilho, 2007

3 | AS PREPOSIÇÕES *A* E *EM* NO PORTUGUÊS MODERNO: NOTAS GERAIS A PARTIR DE *OS LUSÍADAS*

De acordo com Cunha e Cintra (2013), a fase moderna da língua portuguesa inicia-se na segunda metade do século XVI e estende-se até os dias atuais. Castro (1991) atribui essa mudança da fase arcaica para a moderna principalmente aos desdobramentos linguísticos consequentes da publicação da primeira gramática do

português, a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, em 1536:

Porque um tratado que toma a língua vulgar enquanto bandeira de uma nacionalidade, que atenta na sua variação cronológica, regional e social, e que avança com uma proposta de adopção de um código escrito uniforme, ostenta assim alguns dos mais típicos sinais do pensamento humanista (CASTRO, 1991, p. 243).

É a partir dessa gramática que o português começa a ser regido por normas explícitas, o que contribui muito para o estabelecimento da língua, já que, agora, ela é firmada como idioma de um país e tem supostamente sistematizadas suas diferentes variações e regras de escrita. Na introdução da gramática pioneira, Fernando de Oliveira (1536) assevera:

E com tudo apliquemos nosso trabalho a nossa lingua e gente e ficara com maior eternidade a memória dele [do príncipe da época]: e nam trabalhemos em lingua estrangeira mas apuremos tanto a nossa com boas doutrinas q a possamos ensinar a muytas outras gentes e sempre seremos delas louuados e amados porq a semelhança e a causa do amor e mays em as línguas (OLIVEIRA, 1536, cap. quinto)³.

No fragmento acima, Oliveira (1536) deixa clara a intenção sistematizadora e padronizadora de sua gramática, cujos objetivos eram fortalecer o português por meio do estudo e ensiná-lo a outros povos, este último muito afinado ao período histórico do país, de expansões ultramarinas. Vale lembrar que a gramática de Oliveira (1536) ainda não prevê regras sintáticas, mas, segundo o próprio autor na introdução, ela se dedica a elementos de dicção, ortográficos e analógicos.

Além de reconhecer a importância da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* como o faz Castro (1991), Teyssier (1982) também chama atenção para a epopeia *Os Lusíadas*, publicada em 1572 e de autoria de Luís de Camões. Segundo o linguista, o texto camoniano traz um ar de modernidade ao português e é um marco no completo abandono dos arcaísmos medievais. Com base nisso, *Os Lusíadas* será utilizado para se observar o uso das preposições *a* e *em* diante de circunstâncias de lugar na fase moderna da língua portuguesa.

Teyssier (1982) ressalta que um dos fatores mais marcantes para a entrada da língua portuguesa em um novo período (fase moderna) foi o afastamento cada vez mais acentuado do galego. Tal isolamento é ainda mais relevante se se considera a língua escrita, já que, no século XVI o galego passa a não mais ser cultivado como língua literária. Além disso, o português nesse período, segundo o mesmo autor, passa a sofrer diversas influências estrangeiras, principalmente hispânicas e francesas, o que contribuiu para abundar as mudanças linguísticas e para acentuar as diferenças relativas ao período arcaico. Castro (1991) exemplifica tais mudanças com diversos

³ A gramática de Fernando de Oliveira não está paginada. Por conta disso, a referência foi dada utilizando o capítulo em que se encontra o fragmento citado.

casos de transformações fonéticas e lexicais ocorridas naquele período⁴.

A respeito dos conectivos estudados, observa-se que, historicamente, a preposição *a* é derivada da preposição latina *ad*, e *em*, derivada de *in*. Segundo Basseto (2010), elas, como quaisquer outras preposições, eram utilizadas apenas na variante vulgar da língua, já que o sistema literário das declinações sempre dispensou o uso de preposições. Além disso, no que diz respeito às circunstâncias de lugar, elas eram utilizadas tanto em noções estáticas quanto em noções de movimento como registram Said Ali (1931) e Cart *et al.*(1982). Tais usos permanecem no português arcaico, segundo Mattos e Silva (2006) e Cunha e Cintra (2013). No final desse período, já entendo-o como estágio de transição para a fase moderna, como compreendem os autores mencionados, a situação se configura de forma diferente, pois a preposição *a* passa a tender a acompanhar noções de movimento, enquanto que a preposição *em* acompanha noções estáticas.

Essas utilizações permanecem e cristalizam-se na fase moderna do português, sendo preferida a preposição *a* para indicar noções de movimento, e a preposição *em*, para contextos estáticos, como se nota nos exemplos a seguir, extraídos da epopeia *Os Lusíadas*:

“A neste tempo o
Lucido Planeta,
Que as horas vay do dia distinguindo,
Chegava aa desejada, e lenta Meta [...]”
(CAMÕES, 1572, canto segundo)⁵.

“Noutras [cadeiras que estão] aa cabeceira douro finas,
Está coa bela Deosa o claro Gam”
(CAMÕES, 1572, canto décimo).

“[...] Se foy o Mouro ao cognito apousento”
(CAMÕES, 1572, canto primeiro).

“Ia a ilha, e todo o mais, deseparando”
(CAMÕES, 1572, canto primeiro).

“Aa terra firme foge amendrotado”
(CAMÕES, 1572, canto primeiro).

No primeiro fragmento, há a forma verbal *chegava* (verbo chegar) sendo ligada à sua circunstância de lugar (*Meta*) pela preposição *a*. Tal expressão contém ideia de movimento, portanto está em uso consoante o emprego exigido pela norma atual, segundo Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Castilho (2007), Cunha e Cintra (2013).

4 Cf. Castro (1991).

5 A obra original *Os Lusíadas* não está paginada. Assim, a referência foi dada utilizando o canto em que se encontra o fragmento citado. Há versões mais atuais que contêm numeração de página, mas não conservam a linguagem original, não sendo possível então o uso para análises dessa natureza.

Já no segundo, a aqui entendida forma verbal implícita *estão* (verbo *estar*) conecta-se à sua circunstância de lugar (*cabeceira*) pela preposição *a*, indicando aproximação, proximidade, situação⁶. Esse uso também está de acordo com a norma atual, como também preveem os autores mencionados, bem como os três exemplos seguintes, em que, no primeiro, a forma verbal *se foy* (verbo *ir-se*) prende-se à sua circunstância de lugar (cognito aposento) por meio da preposição *a*; no segundo, o mesmo conectivo une a forma verbal *ia* (verbo *ir*) à sua circunstância locativa (ilha); e, no terceiro, a forma verbal *foge* (verbo *fugir*) conecta-se a “terra firme” também por meio do *a*.

Em relação à preposição *em*, é observado seu emprego nos seguintes exemplos:

“Ali em cadeiras ricas cristalinas,
Se assentão, dous e dous, amante e dama”
(CAMÕES, 1572, canto décimo).

“Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem súbita alegria [...]”
(CAMÕES, 1572, canto décimo).

“Quando os Delfos no Olimpo luminoso
onde o governo está, da humana gente [...]”
(CAMÕES, 1572, canto primeiro).

“[...]e ajuntarão em conflito glorioso,
sobre as causas futuras do Oriente [...]”
(CAMÕES, 1572, canto primeiro).

“Hum, por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espírito divino.”
(CAMÕES, 1572, canto primeiro).

Nos fragmentos acima, a preposição *em* é empregada com noção estática. No primeiro, conecta a forma verbal *assentão* (verbo *assentar*) à sua circunstância locativa (cadeiras). No segundo, liga a forma verbal *movem* (verbo *mover*) à sua circunstância “*coração*”. Já no terceiro, une *está* (verbo *estar*) à sua circunstância locativa (Olimpo luminoso). No quarto exemplo, prende a forma verbal *se ajuntarão* (verbo *ajuntar-se*) à sua circunstância locativa (conflito glorioso). Ainda, no quinto exemplo, interliga *fungio* (verbo *fingir*) ao seu advérbio de lugar (Cerva). Todos esses empregos estão de acordo com a norma atual, segundo Bechara (2009), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2013).

A obra *Os Lusíadas* mostra, pois, a consolidação do uso da preposição *em* para noções estáticas e de *a* para ideias de movimento. Nos trechos analisados, não há

⁶ Vale lembrar, mais uma vez, que há uma divergência na classificação desse uso, já que, em casos análogos, no latim, Cart *et al.* (1982) atribuem uma noção estática a expressões desse tipo, enquanto Bechara (2009) e Rocha Lima (2011) mencionam como aproximação, proximidade; Cunha e Cintra (2013), como situação, no intuito de afastar a preposição *a* de ideias estáticas.

variação, alternância de uso entre elas: seguem, do início ao fim do texto, o mesmo padrão. A partir da reflexão de Mattos e Silva (2008), com base em Jakobson, vê-se que a tendência homogeneizadora do sistema da língua se confirma no caso das preposições *a* e *em* diante das circunstâncias de lugar, pois, à medida que o português foi se padronizando, ganhando *status* de língua nacional e, passando a ser usada em contextos formais, esses conectivos foram se cristalizando cada um em seu grupo, como os divide Bechara (2009).

4 | O PORTUGUÊS EM *TERRA BRASILIS*

*“Com o tempo, se foi amaciando,
foi-se tornando romântica,
incorporando os termos nativos
e amolecendo nas folhas de bananeira
as expressões mais sisudas”.*
(Gilberto Mendonça Teles)

Como registra Teles (2017) em seu poema, é bem verdade que a língua de Camões ganha, no Brasil, expressões mais “macias” à medida que entra em contato com as diversas línguas indígenas e africanas com as quais aqui é misturada. Os linguistas Jürgen Heye e Paulino Vandresen (2016), no artigo *Línguas em Contato*, afirmam que as línguas indígenas aqui no Brasil influenciaram bastante o português, principalmente por conta das línguas gerais e da situação de bilinguismo⁷: “Como a colonização era feita predominantemente por aventureiros, soldados e mesmo presidiários que vinham sem família, a miscigenação com a população indígena levava ao bilinguismo, com dominância das línguas gerais no contexto familiar” (HEYE e VANDRESEN, 2016, p. 385). Além do caso indígena, os autores também ressaltam diversas influências provenientes das línguas africanas e, posteriormente (sec. XIX), dos colonos japoneses, alemães e italianos, todas essas contribuindo para que a variante nacional fosse além da língua falada em Portugal.

A língua portuguesa que coloniza as terras brasileiras já está na fase moderna, e por isso é aqui brevemente comentada, haja vista que, ainda que os exploradores portugueses tenham chegado em 1500, ano compreendido no período arcaico, embora já em fase de transição segundo Teyssier (1982), a colonização só ocorre de fato anos mais tarde, em meados do século XVI segundo Mattos e Silva (2006), com a chegada dos jesuítas e com o desenvolvimento dos engenhos de açúcar já no período moderno do idioma, o que traz em seu bojo uma série de diferenças dos usos vocabulares, pronominais e no uso de determinantes, mas sendo a área da morfologia e da sintaxe

⁷ Segundo Bagno (2007), bilinguismo é um contexto social em que um povo usa dois idiomas para comunicação, geralmente o próprio, que é o que sempre foi usado pela comunidade, e o de um povo que o domina, que chega de forma impositiva e tardia. Para o autor, “o bilingüismo, num jogo de compromisso entre hábitos articulatórios da língua materna e a aquisição de uma nova língua, permite que tendências lingüísticas pré-existentes atuem sobre a marcha evolutiva da língua que se adquire” (BAGNO, 2007, p. 44-45).

dos verbos o principal território de evoluções.

Segundo Teyssier (1982), entre as principais mudanças da realização linguística do português do Brasil estão as seguintes: perda da segunda pessoa do plural; emprego da mesóclise reservado a alguns registros da língua escrita; diminuição do uso do futuro para exprimir sentido temporal; restrição do pretérito mais-que-perfeito simples (cantara, tivera) à língua escrita, e somente como o seu sentido temporal. O autor também ressalta a permanência de características do português europeu, tais como: a permanência do uso do o perfeito, o imperfeito e o futuro do subjuntivo, e das regras de concordância dos tempos verbais.

Pode-se ver, então, que o português moderno conta com diversas mudanças lexicais, morfológicas, sintáticas e fonológicas, e que, no Brasil, é incrementado, nos contextos informais, por mudanças de outra ordem, influenciadas pelas línguas indígenas, africanas e de colonos de outras nacionalidades que chegam ao país durante o século XIX, como registram Heye e Vandresen (2016).

Embora o português do Brasil tenha sofrido diversas influências, nota-se que, no aspecto normativo, inclusive no caso das regras das preposições *a* e *em* diante de circunstâncias de lugar, segue-se a tendência portuguesa. O livro *Por rumos de uma agulha: documentos do ouro do século XVIII*, organizado por Megale *et. al.* (2015), contém diversos documentos brasileiros que datam dos anos 1700, em linguagem original. Os fragmentos a seguir (séc XVIII) dão conta de exemplificar se o emprego da preposição *a* diante das circunstâncias de lugar nos contextos formais do português do Brasil reproduzem a tendência observada até agora em Portugal:

“[...] e aos despois se abaixou ao cham [...]”
(MEGALE *et. al.*, 2015, p. 97).

“[...] no outro dia Domingo do Espírito Santo indo eu a missa”
(MEGALE *et. al.*, 2015, p. 97).

“[...] intentaraõ segundo auox uir a vila com muitos escrauos”
(MEGALE *et. al.*, 2015, p. 77).

“[...] e que ninguém ia às Minas com ânimo[...]

(MEGALE, *et. al.*, 2015, p. 87)

“[...] estando a sua porta sendo homiçida João Baupstista[...]

(MEGALE *et. al.*, 2015, p. 79)

No primeiro fragmento, a forma verbal *abaixou* (verbo *abaixar*) conecta-se à sua circunstância de lugar (*cham*) pela preposição *a*, exprimindo noção de movimento. Indicando análoga noção, o conectivo aparece no segundo exemplo ligando a forma verbal *indo* (verbo *ir*) à sua circunstância de lugar (*missa*). O mesmo uso se verifica

nos exemplos seguintes, em quem o verbo *ir* une-se à sua circunstâncias de lugar (vila) pela preposição *a*; da mesma forma, o mesmo verbo é unido ao advérbio de lugar (Minas); e, por fim, a forma verbal *estando* (verbo *estar*), expressando aproximação, é unido à sua circunstância de lugar (a sua porta). Confirma-se, portanto, vide os exemplos, o uso de *a* para noções dinâmicas, não ocorrendo nesse documento nem em outros pesquisados⁸ a preposição *em* nesse contexto.

Ainda utilizando os documentos reunidos no livro de Megale *et al.* (2015), foram observados os empregos da preposição *em*:

“Meu corpo será sepultado no convento de Santa Clara desta villa de Taubaté
[...]

(MEGALE *et al.*, 2015, p. 69).

“Declaro que, na paragem chamada Itanhi tenho hūs Sobeijos de terra”

(MEGALE *et al.*, 2015, p. 71).

“[...] faço contas antes de agosto estar outa vez em casa[...]

(MEGALE *et al.*, 2015, p. 61)

“Escrito de Lourenço Velho Cabral lançado nesta nota[...]

(MEGALE *et al.*, 2015, p. 63)

“[...] E desejando pôr minha alma no caminho da Salvação[...]

(MEGALE *et al.*, 2015, p. 69)

No primeiro trecho, a locução verbal *será sepultado* (verbos *ser* e *sepultar*) une-se à sua circunstância de lugar (*convento*) pela preposição *em*. No segundo, tal preposição une a forma verbal *tenho* (verbo *ter*) à sua circunstância locativa (*paragem*). No terceiro, o mesmo conectivo liga o verbo *estar* à sua circunstância de lugar (*casa*). Já no quarto trecho, *em* une a forma nominal *lançado* (verbo *lançar*) ao seu advérbio de lugar (esta nota). No último fragmento, vê-se *em* prendendo o verbo *pôr* à sua circunstância de lugar (*o caminho da salvação*). Observa-se, portanto, a reprodução do uso da preposição para noções estáticas. *Em* passa a não mais ocorrer com os verbos *ir*, *chegar*, por exemplo, para indicar movimento, como era comumente observável em períodos anteriores. É importante ressaltar que, nos documentos, não há flexibilização nos usos, o que confirma que esses empregos assumiram um padrão de utilização no contexto formal da língua, padrão este que já estaria de acordo com o exigido pela norma atual, segundo Bechara (2009), Cunha e Cintra (2013), Castilho 2007 e Rocha Lima (2011).

É possível que as forças homogeneizadoras e de equilíbrio do sistema da língua, comentadas por Mattos e Silva (2008), que afirma que a língua detém mecanismos para garantir o equilíbrio do sistema em seu funcionamento e que, mesmo as poucas mudanças admitidas, também são para sua autorregulação, para garantir a harmonia

8 Cf. Megale *et al.* (2015).

interna; e por Cardeira (2006), que ressalta que a língua, como sistema dinâmico que busca equilíbrio constantemente, tende a eliminar oposições que não se revelem funcionais e a criar novas oposições para preencher lacunas, possam ter atuado na transição para o português moderno e no referido período, para evitar redundâncias e irregularidades no sistema, já que, além do que foi observado nos registros do século XVIII, no século seguinte, XIX, os usos das preposições *a* e *em* diante das circunstâncias de lugar continuam a obedecer o mesmo padrão, como se pode notar por meio dos seguintes trechos da Constituição Federal de 1824, a primeira do Brasil após sua independência:

“(...)A Camara dos Deputados envia á Camara dos Senadores a Proposição junta do Poder Executivo (...)”
(BRASIL, 1824, art. 55).

“e terá assento igual ao do Presidente do Conselho, e á sua direita”
(BRASIL, 1824, art. 80).

“Ainda com culpa formada, ninguém será conduzido á prisão (...)”
(BRASIL, 1824, art. 179, parágrafo IX).

“(...)remetter á Assembléa, logo que reunida fôr, uma relação motivada das prisões(...)”
(BRASIL, 1824, art. 179, parágrafo XXXV.).

“Os Ministros podem assistir, e discutir a Proposta, depois do relatório da Comissão; mas não poderão votar, nem estarão presentes á votação (...)”
(BRASIL, 1824, art. 54).

No primeiro exemplo, a forma verbal *envia* (verbo *enviar*) é ligada à sua circunstância de lugar (Câmara dos Deputados) pela preposição *a* em uma expressão que denota movimento. O mesmo conectivo, indicando a mesma noção, *une*, no segundo trecho, *terá* (verbo *ter*) a (a sua direita). Da mesma forma, *a* conecta a locução verbal *será conduzido* ao seu advérbio de lugar (prisão) no terceiro exemplo. Essa relação se repete no quarto trecho, unindo *remeter* a *Assembléa*, e, no quinto, conectando *estarão* a *votação*. Por meio dos usos de *a* nos fragmentos, pode-se notar que a preposição se cristaliza como apropriada aos contextos de extensão do movimento, e de aproximação, contiguidade, estando, como já vem sendo observado desde o português do final do século XV (salvo o caso do advérbio *onde*), já em consonância com a regra atual, segundo Bechara (2009), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2013).

A respeito do emprego da preposição *em*, podem-se observar os seguintes exemplos:

“Os filhos de pai Brasileiro, e Os illegitimos de mãe Brasileira, nascidos em paiz

estrangeiro(...)"

(BRASIL, 1824, art. 6, parágrafo II).

"Os filhos de pai Brasileiro, que estivesse em paiz estrangeiro(...)"

(BRASIL, 1824, art. 6, parágrafo III).

"(...) sendo já residentes no Brazil na época (...)"

(BRASIL, 1824, art. 6, parágrafo IV).

"Na reunião das duas Camaras, o Presidente do Senado dirigirá o trabalho(...)"

(BRASIL, 1824, art. 22).

"Não se poderá celebrar Sessão em cada uma das Camaras"

(BRASIL, 1824, art. 23).

No primeiro exemplo, a forma verbal *nascidos* (verbo *nascer*) liga-se a sua circunstância de lugar (paiz estrangeiro) pela preposição *em*, em uma expressão de sentido estático. Já no segundo, a forma verbal *estivesse* (verbo *estar*) une-se ao seu advérbio de lugar (paiz estrangeiro) pela preposição *em*. No terceiro, vê-se a forma verbal *sendo* (ser) conectado a sua circunstância de lugar (Brazil) pela mesma preposição, assim como ocorre no quarto (unindo *dirigirá* a *reunião das duas câmaras*) e no quinto (ligando *celebrar* a *cada uma das Camaras*). Em todos esses casos, o conectivo está empregado em contextos que exprimem lugar estático, estando, assim, como os exemplos com a preposição *a*, afinados com a regra atual e distantes de suas ocorrências em períodos anteriores, como na origem latina, por exemplo.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Português se estabelece como uma língua consolidada de uma vez por todas, em sua fase moderna, o que é consequência de, a partir de tal época, ser idioma de um reino consolidado e de passar por regularizações importantes, que desenham contornos uniformes e fundam nela uma norma padrão.

Tal estabilidade pode ser comprovada ao se estudar o uso das preposições *a* e *em* diante de circunstâncias de lugar, nos contextos formais, que passam, diferentemente de períodos anteriores, a obedecer a seguinte padronização: *a* fica restrito, nesses casos, a contextos de movimento, que expressam aproximação, deslocamento; e *em*, a ideias estáticas, ocorrendo em expressões que denotem lugar específico, pontual.

Sabidos esses padrões de emprego das preposições *a* e *em* diante de circunstâncias de lugar e, ao compará-los com o que prevê a norma atual, vê-se que a utilização, nos domínios formais do português moderno e hoje em dia, já são coincidentes, confirmando assim aquela época como um importante período de uniformização, cujos preceitos são utilizados até hoje.

Ao mesmo tempo, se se compara com usos pregressos, vê-se que há um

distanciamento dos padrões, já que, no latim vulgar, por exemplo, de onde provêm tais conectivos, não há regularidade nesses casos envolvendo preposições *a* e *em* e circunstâncias de lugar, pois ambas transitavam livremente em expressões de lugar estático e de movimento.

Além disso, pôde-se verificar que as tantas influências externas que a língua portuguesa sofreu no Brasil não impactaram nas regras estudadas, o que fez com que, por aqui, fosse o padrão europeu reproduzido intacta e igualmente. Se, por um lado, o processo de mudança mostrado no português moderno, com vistas à homogeneização e à criação de oposições para preencher lacunas, demonstra o poder do sistema linguístico de se reorganizar e de se modificar, por outro, a realidade normativa do português europeu sobrevivendo em meio a tantas forças linguísticas diversas aqui no Brasil assevera a competência do mesmo sistema de resistir a mudanças que possam desestabilizá-lo.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Gramática histórica**: do latim ao português brasileiro. Brasília: UNB, 2007.
- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**, V. 2. São Paulo: EDUSP, 2010.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. CASA CIVIL. SUBCHEFIA DE ASSUNTOS JURÍDICOS. **Constituição política do Império do Brasil**, de 25 de março 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em: 28 fev. 2018.
- BECHARA. Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CART, A.; GRIMAL, P.; LAMAISSON, J.; e NOVILLE, R. **Gramática latina**. São Paulo: EDUSP, 1986.
- CASTRO, Ivo de. **Curso de História da Língua Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CAMÕES, Luis de. **Os Lusíadas**. Lisboa: Casa de Antonio Gonçalves Impressor, 1572. Disponível em: <http://purl.pt/1/4/cam-3-p_PDF/cam-3-p_PDF_24-C-R0150/cam-3-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 02 out. 2017.
- CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/349353941/CARDEIRA-Esperanca-O-essencial-sobre-a-historia-do-portugues-pdf#>>. Acesso em: 03 out. 2017.
- CASTILHO, Ataliba de. Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no português brasileiro: espaço /anterior/ ~ /posterior/. In: RAMOS, Jânia M. e ALKMIN, Mônica A. **Para a história do português brasileiro**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Para%20a%20Hist%C3%B3ria%20do%20Portugu%C3%AAs%20Brasileiro%20V%20-%20Estudos%20sobre%20Mundan%C3%A7a%20Lingu%C3%ADstica%20e%20Hist%C3%B3ria%20Social.pdf?>> Acesso em: 18 out. 2017.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- FREITAS, Mariana de. Testamento de Mariana de Freitas. In: MEGALE, Heitor *et. al.* (Orgs.). **Por rumos da agulha**: documentos do ouro do Século XVIII, V. 7. São Carlos: Cubo, 2015.

HEYE, Jürgen; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. *In*: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino *et. al.* (orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto; 2006.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica do português: fonética e morfologia**. 7. ed. Lisboa: Livraria Editora Clássica, 1969.

OLIVEIRA, Fernando. **Grammatica da linguagem portuguesa**. Lisboa: Casa d'Germão Galharde, 1536. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/357137051/res-274-v-0000-capa-capa-t24-C-R0150-pdf>> . Acesso em 03 out. 2017.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SAID ALI, Manuel. **Grammatica historica da lingua portugueza**. 2. ed. São Paulo: Proprietária, 1931.

SILVA, Mattias da. Trelado do Auto que mandou fazer o Doutor Mattias da Silva. *In*: MEGALE, Heitor *et. al.* (Orgs.). **Por rumos da agulha: documentos do ouro do Século XVIII, V. 7**. São Carlos: Cubo, 2015.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SOBRE A ORGANIZADORA

Angela Maria Gomes - Licenciada em Letras e Especialista em Gestão de Pessoas e Gestão de Treinamento & Desenvolvimento de Pessoas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Atuação na Educação Formal como: Supervisora de Ensino; Docente em Ensino Médio e Curso preparatório para concursos na área de Língua Portuguesa; Docente em Ensino Superior nas áreas Português Instrumental e Gestão de Pessoas; Relatora do CEP – comitê de Ética em Pesquisa. Atuação na Educação Profissionalizante como Técnica em Educação Profissional, coordenando cursos de aprendizagem, capacitação e aperfeiçoamento; Instrutora de Desenvolvimento Pessoal. Participante do Programa Uaná de voluntariado executivo do ISAE/FGV – Curitiba/Pr. Palestrante nos temas: “Educação: Processo de construção, dos agentes à influência na vida profissional.”; “Competência Humana como Diferencial Competitivo: Contrata-se pelo currículo, demite-se pelas atitudes.”; “Comunicação Assertiva”; Atualmente atua na Associação Menonita - Faculdade Fidelis - como docente e revisora dos artigos da Revista científica Cógnito, assim como instrutora de formação continuada para professores na Sem Fronteiras Tecnologia para Educação.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração pública 81, 82, 88, 90, 91
Aquisição da escrita 119, 127, 130
Aquisição de língua de sinais 34
Armamento 11, 15

B

Bíblia Sagrada 11, 12
Brecha informacional 81, 82, 84

C

Cinema 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169
Comandos de escrita 17, 18, 22, 23, 31
Comunicação 3, 5, 13, 19, 22, 24, 35, 36, 37, 42, 43, 51, 71, 74, 76, 78, 79, 83, 85, 89, 102, 105, 106, 107, 108, 114, 115, 116, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 145, 149, 152, 162, 173, 176, 179, 190, 191, 200, 210, 217
Concepção de língua(gem) 71, 78, 79, 192

D

Democracia 81, 82, 84, 85, 87, 90, 92, 131, 192, 193

E

Educação 9, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 54, 55, 56, 57, 60, 71, 77, 78, 79, 80, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 105, 106, 117, 131, 147, 148, 149, 151, 153, 158, 159, 182, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 200, 201, 202, 217
Educação bilíngue 34, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 45, 78, 79, 106
Educação inclusiva 34, 35, 37, 39, 41, 42, 96, 97
Ensino 1, 2, 3, 9, 10, 17, 18, 19, 21, 23, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 48, 53, 54, 55, 56, 57, 70, 71, 73, 77, 78, 80, 97, 98, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 129, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 157, 158, 159, 168, 171, 172, 173, 176, 180, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 217
Ensino a distância 171, 182
Ensino de língua 54, 77, 80, 118, 171, 182, 189, 191, 192, 198, 199, 200, 201, 202
Ensino fundamental 17, 18, 23, 32, 33, 42, 56, 80, 100, 104, 106, 119, 121, 122, 125, 129
Ensino híbrido 147, 148, 149, 150, 159
Equipe multidisciplinar 96, 98, 99, 102
Escola 10, 17, 19, 20, 22, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 57, 80, 98, 99, 101, 102, 103, 118, 119, 120, 121, 122, 128, 147, 148, 149, 152, 153, 158, 182, 189, 190, 191, 193, 195, 198, 200, 201, 202
Espanhol 66, 105, 106, 110, 111, 115, 116, 117, 205
Estímulos 96, 97, 98, 101, 134

Estratégia de Comunicação 105

Estudos anchietanos 58

F

Fenômenos fonéticos 183, 184

G

Gêneros textuais 1, 2, 10, 17, 107, 115, 154, 189, 201, 202

H

História 15, 24, 25, 39, 53, 62, 63, 70, 77, 78, 79, 110, 126, 130, 142, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 186, 188, 192, 193, 194, 196, 197, 201, 215, 216

Historiografia da linguística 58, 59

I

Identidade 37, 40, 47, 51, 55, 57, 78, 87, 120, 161, 176, 183, 184, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 196, 198, 199, 200

Inclusão 4, 12, 15, 43, 44, 78, 84, 85, 86, 87, 96, 103, 106, 116, 158

Interação 3, 19, 22, 23, 32, 38, 40, 41, 42, 43, 51, 55, 71, 76, 77, 78, 79, 80, 87, 92, 120, 133, 134, 137, 150, 151, 153, 157, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 190, 191, 197

L

Lei 14, 41, 44, 79, 80, 88, 106, 131, 139, 140, 143, 146, 193, 194, 201, 202, 203

Língua 1, 2, 9, 12, 13, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 62, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 128, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 159, 171, 175, 176, 182, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Língua de sinais 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 44, 71, 76, 80, 117, 118

Linguagem cidadã 81, 82, 84, 91

Linguística 7, 11, 15, 35, 36, 37, 40, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 72, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 82, 89, 92, 93, 108, 110, 117, 118, 119, 122, 126, 128, 129, 130, 158, 173, 174, 178, 182, 190, 194, 199, 200, 201, 203, 204, 211, 216

Linguística histórica 130, 203, 204, 216

Livros didáticos 17, 18, 31, 195, 198

M

Mecanismos de junção 119

Metaplasmos 183, 187, 188

Metodologias ativas 147, 148, 149, 150, 152, 157, 158, 159

Motivação 20, 26, 30, 31, 32, 96, 97, 100, 102, 104, 129, 157

Mudança linguística 54, 130, 203

N

Narrativa 25, 39, 61, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 198, 199

P

Pistas de contextualização 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 181, 182

Política 11, 21, 35, 36, 41, 42, 45, 50, 60, 62, 65, 71, 72, 79, 82, 85, 93, 117, 165, 166, 198, 200, 215

Português moderno 203, 204, 206, 211, 213, 214, 215

Preposição 203, 204, 205, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214

Processos 40, 44, 50, 52, 62, 83, 85, 100, 102, 103, 130, 133, 136, 149, 150, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 191, 194, 197

Produção discursiva 189, 192, 198

R

Relações étnico-raciais 189, 194, 200, 201, 202

S

Santa Cruz 63, 66, 160, 162, 164, 165, 169

Sequência didática 1, 147, 152, 153, 158

Sociedade 11, 13, 16, 20, 37, 42, 43, 46, 47, 48, 50, 52, 55, 56, 57, 61, 62, 68, 69, 72, 73, 76, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 116, 131, 134, 144, 148, 149, 150, 152, 153, 161, 163, 164, 166, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200

Surdo 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118

T

Tradição discursiva 119, 126, 130

Tradução intralinguística 81, 82

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-760-4



9 788572 477604